



Três aproximações entre ética e métodos na pesquisa em comunicação: um olhar a partir de experiências de ensino e orientação¹

Three approaches between ethics and methods in communication research: a look from teaching and supervision experiences

Três aproximaciones entre ética y métodos en la investigación en comunicación: una mirada desde la enseñanza y la supervisión

Luis Mauro Sá Martino – Cásper Líbero | São Paulo | SP. Universidade Federal de Minas Gerais | Belo Horizonte | MG | Brasil. E-mail: imsamartino@gmail.com | Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5099-1741>

Resumo: No ensino de pesquisa em comunicação, questões éticas e metodológicas parecem ser frequentemente apresentadas como dimensões separadas. Enquanto métodos tendem a ser mostrados como procedimentos técnicos de obtenção e análise de dados, a ética se apresenta como regras voltadas para as questões macro da pesquisa. Este texto delinea a possibilidade de pensar a relação entre ética e métodos como elemento longitudinal da prática de pesquisa, tanto por sua presença em todas as etapas quanto por lidarem com a subjetividade de pesquisadoras e pesquisadores. A partir da análise de procedimentos cotidianos de pesquisa, trabalha-se três situações nas quais essas intersecções entre ética e metodologia se apresentam com especial nitidez: (1) o encontro com as condições materiais da prática de pesquisa; (2) a aproximação com as proposições de textos, conceitos e teorias e (3) o pertencimento a uma comunidade acadêmica.

Palavras-chave: métodos de pesquisa; ética em pesquisa; comunicação.

¹ Este texto nasceu de uma aula na disciplina Metodologia de Pesquisa em Comunicação, ministrada no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Pará a convite da Profa. Dra. Netília A. Seixas; o tema foi desenvolvido posteriormente em um seminário ministrado no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Minas Gerais, no primeiro semestre de 2024, organizado pela Profa. Dra. Angela C. S. Marques. A autoria agradece a todas e todos que participaram pelas trocas e diálogos nessas oportunidades, em especial aos pareceres recebidos, que em muito contribuíram para o texto. Este trabalho é parte de um projeto de pesquisa realizada com apoio do CNPq, processo no. 305133/2022-5.

Abstract: Research methods and ethics are seldom put together in communication teaching, as they are often seen as separate dimensions of academic inquiry. Methods are usually seen as technical procedures to gather data and analyze it, as much as ethics are often regarded as a given set of norms that govern research practices. This paper suggests that there is a deeper relationship between research methods and ethics, as both as transversal to all investigation steps as they deal with the researcher's subjectivity, crossed by specific social conditions. Grounded on the analysis of everyday research procedures, it argues that ethics and methods are particularly intermixed in three ways: (1) the understanding of research as the encounter with a radical otherness; (2) the moment of facing writings, concepts and theories and (3) the belonging to an academic community.

Keywords: research methods; research ethics; communication.

Resumen: En la enseñanza de la metodología de la investigación, las cuestiones éticas y metodológicas a menudo parecen presentarse como dimensiones separadas. Mientras que los métodos tienden a mostrarse como procedimientos técnicos para la obtención y análisis de datos, la ética se presenta como reglas enfocadas en cuestiones macro de investigación. Este texto esboza la posibilidad de pensar la relación entre ética y métodos como un elemento longitudinal de la práctica investigativa, tanto por su presencia en todas las etapas como porque abordan la subjetividad de los investigadores. A partir del análisis de los procedimientos cotidianos de investigación, trabajamos tres situaciones en las que las intersecciones entre ética y metodología se presentan con especial claridad: (1) la elección ética de un camino metodológico en condiciones específicas; (2) el encuentro con textos, conceptos y teorías y (3) la relación con la alteridad en las prácticas académicas y de investigación.

Palabras clave: métodos de investigación; ética de la investigación; comunicación.

1 Introdução

Na área de Comunicação, as produções relacionadas ao ensino e à reflexão sobre as práticas de pesquisa parecem ter um espaço consolidado. Em uma aproximação inicial, seria possível mencionar desde os trabalhos de Lopes (1997, 2004), passando pelas coletâneas de Maldonado *et al.* (2006, 2008, 2012), Bonin e Rosário (2013) ou Nkuasambu (2015), até chegar, em termos mais recentes, nos trabalhos coletivos de Mattos *et al.* (2018), Bonin e Saggin (2022) ou Wottrich e Rosário (2022). As datas, espalhando-se por quase trinta anos, sugerem a existência de um olhar atento e recorrente sobre o assunto.

Este texto, em diálogo de aprendizagem com essa produção, retoma a discussão sobre métodos de pesquisa a partir de um olhar pautado em discussões anteriores relativas à afetividade e ética presentes na pesquisa em Comunicação (Martino e Marques 2016, 2018; Martino, 2014, 2018, 2022).

Essa perspectiva a partir da ética nasce de uma percepção de sala de aula, sobretudo no ensino de disciplinas como Teoria da Comunicação e Métodos de Pesquisa em Comunicação, bem como da consulta à literatura na preparação dessas disciplinas: as dimensões metodológicas, teóricas e éticas parecem ser apresentadas de maneira isolada em relação ao conjunto da prática de pesquisa.

Capítulos dedicados aos métodos tendem a se concentrar sobre aspectos práticos – digamos, como definir objetivos e objetos, o que caracteriza um estudo de caso, como organizar uma entrevista, as técnicas de observação ou um grupo focal.

Por sua vez, capítulos sobre ética se voltam para questões gerais da investigação científica, por exemplo, a identificação de plágio ou a necessidade de ser fiel aos dados, como em Krokosz (2012, 2015), Oliveira (2013) ou Severino (2015); mais raramente, questionam as implicações metodológicas da tomada de posição de pesquisadoras ou pesquisadores, como nas discussões de Paugam (2008) ou Thébaud-Mony (2013).

Essas perspectivas, se corretas e necessárias, parecem deixar de lado alguns elementos que talvez precisem ser mais discutidos. Este texto delinea alguns aspectos da relação entre ética e metodologia como elementos presentes em todos os momentos da prática de pesquisa – em particular na medida em que se relacionam com a subjetividade de pesquisadoras e pesquisadores, na esteira de percursos trilhados por Corazza (1996), Freitas (2001), Wacquant (2002), Martino e Marques (2018) ou Hooks (2018).

Em termos metodológicos, o texto parte das questões práticas de sala de aula, orientações de pesquisa e das narrativas do cotidiano acadêmico, desenvolvendo pontos trabalhados por Martino e Marques (2018) e Martino (2016, 2018). Seguindo uma trilha de Bonin (2012, p. 47), “valho-me de experiências vividas em diversos âmbitos da academia, em grupos de investigação, em práticas de docência e orientação”.

Entender ética e métodos de pesquisa significa, entre outros procedimentos, voltar um olhar para as condições reais dessa prática. É trabalhar não o procedimento indicado nos livros, mas os relatos escutados nos corredores, cafés e reuniões informais onde aparecem os atravessamentos enfrentados por pesquisadoras e pesquisadores nos dilemas e dinâmicas de pesquisa – isso, evidentemente, quando não se experimenta isso em primeira pessoa. O valor político dessas conversações informais pode ser levado em consideração na formação de vínculos de comunidade. Nesses relatos, assistemáticos, mas nem por isso menos representativos, tornam-se visíveis as situações nas quais aparecem, de fato, desafios éticos e metodológicos.

No que se segue, são delineados alguns (a) aspectos das relações entre ética e métodos, trabalhando “ética” como encontro e “método” os caminhos percorridos em uma pesquisa; em seguida, a discussão percorre três situações nas quais essa intersecção se apresenta com especial nitidez: (b) as condições institucionais de decisão metodológica; (c) o encontro com textos, conceitos e teorias e (d) a relação com a alteridade nas práticas acadêmicas e de pesquisa.

2 A ética e o método como transversalidades na pesquisa

No cotidiano da pesquisa, sobretudo quando se pensa em suas condições materiais de realização, é comum observar um entendimento de “método” como o trecho dos projetos de pesquisa onde se deve indicar os procedimentos, ou aquele capítulo da dissertação ou tese no qual se explica como foi feita a pesquisa. Muitas vezes, quando se está fazendo um projeto, seja de Iniciação Científica, TCC, Dissertação ou Tese, pensa-se no método como um item obrigatório, geralmente descrito nos livros sobre o assunto como a parte na qual se explicam os passos do trabalho.

Isso não está incorreto, mas é possível ampliar a ideia para todo o conjunto da prática de pesquisa: o método se desenrola ao longo da experiência de pesquisa na medida em que a investigação é tensional em relação à realidade.

A prática da metodologia (sobre o método e com o método) envolve fundamentalmente um conjunto de decisões, de opções que o sujeito-investigador realiza ao longo de toda a pesquisa, desde a etapa da formulação do problema de pesquisa, passando por escolhas e combinações dos instrumentos de observação, dos métodos de descrição e de interpretação até as conclusões (Lopes, 1997, p. 138).

Quando se retoma a raiz grega da palavra “método”, seguindo Cresswell (2009), observa-se que não é possível fazer uma reflexão a seu respeito senão ao final do percurso. “Método” vem de *meta-odos*. “Odos” significa “caminho”, algo ligado a “percurso”, enquanto “meta” é aquilo que está ligado a auto-reflexão ou a auto-observação desse trajeto. Não é possível avaliar o caminho sem percorrê-lo. A reflexão metodológica se dá em cada etapa do procedimento de pesquisa: se é um “meta-odos”, torna-se necessária um cuidado epistemológico, no sentido proposto por Bachelard (2006), durante toda a realização de uma investigação.

Se é possível extrapolar um pouco essa consideração, pode-se entender que a pesquisa é uma prática metodológica do começo ao fim. Dito de outra maneira, metodologia não é apenas uma dimensão da pesquisa, mas seu conjunto: “À tentação de transformar os preceitos do método em receitas culinárias ou objetos de laboratório deve-se opor um exercício constante de vigilância epistemológica” (Lopes, 1997, p. 139).

Na medida em que a prática metodológica se transforma no encontro com a alteridade, ela também se reveste de uma importância ética fundamental – falar de alteridade, nesse sentido, implica falar de ética. E, por isso mesmo, é importante delinear aspectos gerais da noção de ética com a qual se trabalha aqui.

É possível pensar a ideia de ética não como a definição de um dever-ser procedimental ou normativo em termos da definição prévia de “pode” ou “não pode”. Certamente, as regras éticas de uma pesquisa implicam uma discussão, mas, em muitos casos, acabam sendo reduzidas a um nível procedimental na pergunta pelo “certo” ou “errado”, e não a algo mais amplo – “o que devo fazer no encontro com o outro”? Quando se trabalha dessa maneira, busca-se definir como uma pesquisa deve ser, mas não necessariamente como ela é, e em quais condições ela se realiza.

Uma pesquisa é feita, sobretudo, de encontros – daí a necessidade e a possibilidade de pensar a ética não como um elemento normativo, mas em termos do estabelecimento de uma relação com a alteridade. Lévinas (1998) trabalha essa questão recordando que, na elaboração do conhecimento, o encontro precede o ato de conhecer. A alteridade precede o próprio conhecimento, de onde sua importância como filosofia primeira.

Assim, se os caminhos metodológicos são alterados pelo momento do encontro com a alteridade, há um aspecto ético constante nessa relação. Se a metodologia é pensar um procedimento que envolve todo o trabalho de investigação, pensar a ética é considerar os movimentos, os deslocamentos, presentes ao longo da prática de pesquisa. Como recorda Martinelli (1999, p. 26) “se queremos conhecer os modos de vida, temos que conhecer as pessoas”.

Na prática de pesquisa, o encontro precede todo o resto. Por isso a necessidade de pensar a ética da metodologia nesses termos – a metodologia enquanto encontro, em um conjunto presidido por uma ética que se forma a cada momento. Trata-se de uma ética a ser pensada enquanto fundamento do próprio saber.

Nessa perspectiva, se não há uma relação ética como o próprio saber, não há saber. A ética da alteridade prevê o reconhecimento do outro como um “eu” diferente de “si mesmo”, como uma alteridade com a qual eu dialogo em condições de igualdade. Negrão (2014, p. 62) sintetiza esse aspecto:

A tese foi constituída pelo movimento de várias trajetórias que pulsavam forte em mim. O que quis por no papel foi paixão e vida, a minha vida transformada em palavras. Queria que os leitores que a lessem se sentissem tomados de energia, incentivados a partir comigo em busca do conhecimento e a compartilhá-lo.

A ética da alteridade está presente no âmbito da pesquisa sempre que somos convocadas e convocados a uma responsabilidade renovada a cada momento. Zielinsky (2014), no subtítulo de um livro sobre o assunto, encontrou uma fórmula que resume essa posição: “a responsabilidade é sem porquê”. A responsabilidade ética não tem uma razão no sentido de um motivo ou finalidade única. E, quando se pensa na ética da alteridade, mergulha-se nessa responsabilidade que se tem perante todo o resto da humanidade pelo simples fato dessa humanidade nos colocar diante de nós.

Nos métodos de pesquisa, a ética da alteridade aparece em todos os momentos onde há um encontro com o outro. Para seguir esse caminho, vale descer ao micro-nível cotidiano da pesquisa.

3 O encontro com as condições de produção da pesquisa

Quais as condições sociais presentes na uma tomada de decisão metodológica? Se a ética pressupõe a possibilidade de escolha, lembra Campbell (2014), quais condições se apresentam para a definição de caminhos de pesquisa?

Quantas pesquisadoras ou pesquisadores têm acesso a uma sala exclusiva – o “teto todo seu”, de Virgínia Woolf – com seu computador, livros e recursos, além de uma bolsa de pesquisa que garanta uma vida digna? Essa situação, se pode ser vista como “ideal”, pode ser um contraponto de referência às condições mais reais.

Quantas pessoas, para conseguir realizar uma pesquisa, não se equilibram nas dinâmicas do cotidiano, escrevendo em um computador compartilhado, em um cômodo dividido com pessoas que não compreendem a intensidade de seu trabalho acadêmico (“Por que você estuda tanto”?; “Larga isso e vai fazer alguma coisa que dá dinheiro”)? De certo modo, é quando a pessoa está exausta – porque trabalha, é mãe, tem inúmeros afazeres dentro e fora da vida universitária, tem responsabilidades, cuida dos outros e talvez até de si mesma – que se observa a ética e o método em ação.

Diante das condições reais de pesquisa, há uma tomada de decisão a respeito de se tornar uma pesquisadora ou pesquisador. É um momento de respeito à própria ética, de sentir-se parte de algo que oferece um significado a quem se é – é quando a pesquisa, a aprendizagem e o ensino se tornam uma forma de vida, para além das obrigações, normas e prazos (Hooks, 2018).

É o momento de transformação, quase uma transmutação nietzschiana, da vulnerabilidade em potência: o caminho da pesquisa é também uma possibilidade de fortalecimento de si, de sua comunidade e suas origens. Uma investigação, com todo seu rigor, fala sobretudo de quem pesquisa, de sua realidade, sua trajetória de encontros e desencontros, suas condições. Daí que, no momento do estudo, é possível sentir uma relação de afeto, “ser afetada”, nas palavras de Favret-Saada (2005), como pessoa, sujeito de sua pesquisa.

A pesquisa permite descobrir mais a respeito de si mesmo a partir da relação com um outro que se afirma como alteridade do desconhecido. A ética da alteridade recorda que o outro é o desconhecido absoluto, com a possibilidade de se revelar, retirar o véu do desconhecimento, e se fazer conhecer – mas agenciando, enquanto sujeito relativamente autônomo, as condições dessa descoberta. O outro é esse enigma constante, assim como somos o enigma e o desconhecido absoluto para todas e todos os outros (Amorim, 2001).

Daí que a consciência do não saber é dotada de um aspecto fundamental na prática de pesquisa. O desconhecido da alteridade convoca, interpela, desafia a ser

conhecido, e isso está ligado a dinâmica da prática de investigação – no cotidiano, isso se traduz no brilho nos olhos de curiosidade com o qual pesquisadoras e pesquisadores chegam às primeiras reuniões de orientação ou de grupo.

O saber institucionalizado, restrito a um aspecto formal, reduz o não saber ao mínimo e, embora possa gerar resultados, talvez não gere significados. Quando se pensa conhecer tudo sobre um assunto não há porque seguir em frente – vem o tédio de ouvir os mesmos conceitos, fazer as considerações já esperadas sobre um objeto. Esse intervalo do não saber, presente na relação ética com a alteridade, se apresenta como fundamental nesse aspecto. É instigante não conhecer algo sobre sua pesquisa, é importante retomar os fundamentos quando o objeto empírico não é o que se esperava, a teoria falha ou o método precisa ser recriado: o encontro com a alteridade implica essa dinâmica de renovação, o desconhecido nos desafia a repensar o nosso próprio procedimento.

Deleuze (2006) diz que não se ensina o que se sabe, se ensina o que se pesquisa. E, no encontro com a alteridade no momento da pesquisa, não se trabalha o que já está relativamente definido e cristalizado, mas o que se está pesquisando. Em nossas pesquisas e aulas, não falamos para ensinar, falamos para aprender. Para retomar e reelaborar. Esse significado que existe na dialética do não saber e do saber. É a partir daí que aprendemos efetivamente alguma coisa. E a instância de aprendizado ao se trabalhar nessa dimensão ética, ela vai se pautar em alguns encontros.

Nas práticas de orientação, isso se traduz também no encontro com orientandas e orientandos, quando trazem suas propostas, objetos e concepções. Isso permite que se atribua sentido às nossas inquietações e inseguranças – nós também as temos – diante de um tema, um objeto ou uma situação desconhecida. Olhamos para uma tese e nos perguntamos “Será que daremos conta de ter uma interlocução com esse tema? O que estudo dialoga com esse objeto”?

Isso, evidentemente, tem um significado ético mais amplo do que o cumprimento de metas. Quando nossas alunas e alunos chegam com novas ideias, querem estudar isto, ler aquilo, rever o mundo de outro modo, retomamos o ponto zero de nossa atividade – não saber, procurar aprender, descobrir em conjunto (Mazzilli, 2009).

Isso, evidentemente, não se resume à alteridade física da orientadora e do orientador, mas como alteridade relacionada a um rosto – o rosto da academia. É essa alteridade que, no cotidiano prático, sabe as normas, conhece as regras, escritas e não escritas, sabe o que preencher no Lattes, como fazer uma proposta, buscar um edital, encontrar sua comunidade acadêmica. O rosto dessa primeira alteridade acadêmica com a qual nos deparamos é a relação de orientação, permeada de inúmeros sentidos

e relativamente pouco discutida. Com isso, é possível perder não só sua dimensão ética, mas também outra, de poder.

No cotidiano dos corredores, cafés e conversas informais, esses aspectos costumam vir para primeiro plano em algumas ocasiões, permitindo delinear dois polos nos quais uma pesquisa pode, seguindo corretamente todas as questões de ética procedimental, deixar de lado o aspecto fundante de uma ética da alteridade.

Do lado da orientação, esse desrespeito pode se manifestar na insistência para a adoção, por parte de alunas e alunos, de modos de fazer pesquisa, teorias, autoras ou autores com os quais já se trabalha, sem abertura para novidades. Nessas situações, muitas vezes é possível que se esteja próximo de um ato de violência simbólica, obrigando a pessoa não só a estudar o que se quer, mas de um jeito específico – no limite, talvez o outro seja transformado em uma extensão das ideias de quem está orientando.

Esse tipo de procedimento pode, em pouco tempo, matar as inquietações que levaram a pessoa a fazer uma pesquisa. Em alguns casos, é possível fazer uma pesquisa de excelente qualidade, mas não se identificar com ela (“não me reconheço na minha pesquisa”), uma vez que sua autoridade, palavra decorrente da prerrogativa de autora na raiz latina *auctoritas*, não foi respeitada como tal.

Se é possível trazer um exemplo recorrente desse tipo de situação, não é incomum encontrar pessoas que, devido às condições de elaboração de pesquisa, não se sentem à vontade para rever o trabalho, algo expresso em frases como “não consigo nem olhar para meu mestrado” ou “não gosto de ler meu doutorado”.

Isso ocorre, no sentido inverso, quando, na condição de orientadoras e orientadores, buscamos a abertura do diálogo mas encontramos alunas e alunos que chegam com o trabalho fechado à provocação dos de colegas, das leituras, das aulas e eventos. Não se chega para pesquisar, mas para provar um ponto sobre o qual não há possibilidade de discussão.

4 O encontro com o texto, o conceito e a teoria

Existe uma segunda dimensão dessa ética do método: o encontro com os textos, as teorias e os conceitos. A teoria também tem implicações éticas na medida de sua vinculação com o humano e em seu direcionamento para uma alteridade. Embora possam, em alguns aspectos, parecer abstratas, toda teoria traz a marca do sujeito que a criou dentro de um espaço de vida. Como indicado em outro momento (Martino, 2018, p. 206) “as teorias não orientam apenas a respeito de como pesquisar, mas

também de como ver o outro. Por isso, elas não têm apenas um método, mas também uma ética”.

Foi um ser humano, em condições reais, que criou uma teoria e a propõe como um saber sobre o mundo. Diante de uma teoria há um encontro ético com essa alteridade, que pode acolher ou desconcertar, com todas as nuances entre esses dois extremos.

O encontro com o texto pode, nessa medida, contribuir para uma transformação nas dinâmicas do sujeito consigo mesmo – e, por isso mesmo, assume essa dimensão ética. O momento da leitura pode gerar a euforia diante do aprendizado, de uma melhor compreensão de si e da realidade. No entanto, pode igualmente levar a questionamentos a respeito da própria capacidade (se sentir “perdida” diante de um texto a ler para a aula seguinte, a sensação de “não entender nada” e, concluir “não tenho capacidade para fazer pesquisa”).

Levando em conta os padrões de autoestima do modelo de sociedade contemporâneo, onde a destruição psíquica do outro estimula a produção e a produtividade, ao ler um texto e não entender, talvez uma primeira reação de leitoras e leitores seja atribuir a si mesmos a responsabilidade – em uma sociedade pautada por situações que conduzem, com frequência, à síndrome de impostora e ao *burnout*, esse quadro se pauta pela desconfiança da própria capacidade de aprender (Han, 2021; Illouz; Cabanas, 2021; Martino, 2022; Malesic, 2023).

Isso pode remeter a dois aspectos.

Primeiro, parece necessário incluir nessa equação os fatores que efetivamente existem na leitura de um texto. Foi lido em condições ideais, confortáveis, em um ambiente silencioso e propício ao estudo, por uma pesquisadora descansada e livre de preocupações imediatas? Ou foi lido de noite, ou no ônibus, na tela estreita de um celular, depois de todos os arranjos do aspecto profissional e da vida pessoal? E, nesse momento, os recortes interseccionais de gênero, classe e raça se apresentam com força redobrada (Hooks, 2022).

O encontro com a teoria também se apresenta como encontro ético, pelo momento em que a teoria nos ajuda a dizer quem se é, no qual se aprende a nomear vivências, experiências e passagens – conceitos, lembram Deleuze e Guattari (2004) ajudam a delimitar e compreender o campo da experiência, dotando-o de alguma possibilidade de leitura. Daí o sentido de encontro quando, na leitura de um texto teórico, nota-se a descrição e elaboração de uma vivência pela qual também se passou, ou quando se aprende, pela via teórica, a identificar novos sentidos para ações cotidianas – digamos, identificar como violência o que, até então, era visto como “normal”.

É Hooks (2018) em “Ensinando a transgredir”, que fala do encontro da teoria como um momento de reconforto, porque encontrou lá a motivação para entender a própria vida e a maneira, como ela se via na própria academia.

Não se lê textos, nesse sentido, para uma aprendizagem árida e pautada apenas no cognitivo, mas como parte da experiência de observar o mundo a partir de novos ângulos. Quando se aprende a identificar a realidade a partir de uma teoria, não se está mais apenas aprendendo, mas tendo uma vivência ética da teoria – se é possível adicionar um comentário, esse pode ser um dos fatores que faz professoras e professores a levarem uma teoria para a sala de aula: nos passos de hooks, trazer o conforto que o encontro com a teoria nos proporcionou.

Isso se reflete também no processo da escrita, em pelo menos duas dimensões.

A primeira se apresenta como um jogo de proximidade e distanciamento em relação ao próprio texto. Ao que tudo indica, só se consegue colocar na tela aquilo que, efetivamente, já conseguiu conhecer. Ao escrever, acontece um processo de objetivação do saber em relação ao sujeito que sabe: o escrito se separa de quem escreve, permitindo à autora ou autor ver no escrito coisas que não conseguia antes. A dimensão do escrito, em sua linearidade, obriga a dar uma sequência para o pensamento:

O fato de se colocar no papel uma ideia que habitava apenas a esfera psíquica já supõe um trabalho, na medida em que, pela palavra, ganha um formato e uma organização que permitem seja nomeada e assimilada positivamente (Meira, 2016, p. 232).

Ao ser terminado, um texto já não é exclusivamente de quem o escreveu. A leitura do texto interpela quem o escreve tanto quanto quem lê. Seria possível, em um exercício, perguntar quem escreveu aquilo, que vozes estão presentes. Quem é essa pessoa, na polifonia discursiva, quem está escrevendo? Ao colocar as palavras na tela, a autora ou autor começa, de fato, a se relacionar com a pesquisa que se fez.

Em uma segunda dimensão, a escrita acadêmica muitas vezes é adjetivada como “difícil”, “hermética” ou “só para iniciados”. De fato, parecem existir complexidades inerentes à escrita acadêmica por conta, muitas vezes, dos desafios endereçados por ela ao senso comum, às noções aparentemente intuitivas e óbvias, mas que, muitas vezes, carregam em si toda uma carga de arbitrários sociais que precisam ser desmontados – e esse processo passa, muitas vezes, pelo trabalho de desmontagem da carga semântica associada a um termo de uso comum.

Bourdieu (1983) indica que a complexidade de determinados objetos e a necessidade de fixar conceitos enquanto elementos de aproximação com a realidade demandam, de fato, uma linguagem pautada no rigor e a precisão, ainda que às custas

de uma compreensão imediata. No entanto, vale pensar em que medida a busca por rigor não pode, em alguns casos, se transformar em um aumento desnecessário no grau de complexidade – algo a ser pensado em termos de estratégia de campo enquanto maneira de aumentar o valor de apresentação de um capital intelectual ou acadêmico.

5 O encontro com a comunidade acadêmica: campo e pertencimento

Um terceiro aspecto das relações entre ética e metodologia se manifesta com especial força nas relações horizontais, com colegas de pesquisa, na formação de uma comunidade acadêmica. É preciso, com Bourdieu (1976, 2021), deixar de lado qualquer perspectiva ingênua, inclusive em uma crítica apressada, a respeito desse tipo de relação; o campo acadêmico se apresenta, em sua perspectiva, como um espaço de luta pela definição legítima e legitimada de uma série de elementos, como a afirmação de conceitos, teorias ou pontos de vista; há movimentos no sentido de marcar posições, ocupar cargos de prestígio variados e participar do jogo em suas diversas modalidades.

Isso, sem dúvida, implica uma ética e precisa ficar no horizonte de pesquisa.

Ao mesmo tempo, seria talvez precipitado reduzir as dinâmicas de pesquisa a essas disputas, omitindo também o espaço das relações de convivência, a formação de vínculos e laços de amizade, as trocas e diálogos possíveis a partir das quais o conhecimento pode emergir. Se existe uma ética de campo pautada na formação de um *habitus* que cultiva uma *illusio* de autonomia das ações dos sujeitos que a ele pertencem, é possível também lembrar que, no micro-nível das relações pessoais, essas relações se travam entre sujeitos providos de uma trajetória extra-acadêmica. Não se trata de cultivar uma ingenuidade própria da *illusio* de campo, mas, levando em a ética dessas condições.

Em boa medida, o trabalho de pesquisa tende a ser marcado por vários momentos de solidão. É, em geral, solitário o momento de confronto com textos, de reflexão sobre as atividades empíricas ou na escrita diante da tela. Há o espaço do encontro nas reuniões de orientação e nas aulas. Mas, para além disso, existe o espaço do encontro com a comunidade acadêmica.

E esse encontro pode ter ressonâncias éticas e metodológicas ao interferirem, às vezes de modo direto, na maneira como pesquisadoras e pesquisadores tendem a se posicionar em escalas de valor. “Divulgar o trabalho realizado, publicando ou apresentando, é a forma mais fácil pela qual nos colocamos em risco, pois o próprio

instrumento usado positivamente para nos mostrarmos força que nos exponhamos” (Meira, 2016, p. 60).

Trazendo novamente para a discussão as conversações informais, nas conversações dos corredores universitários, é relativamente comum observar uma postura de medo diante da perspectiva de fazer parte de uma comunidade acadêmica, sobretudo nos primeiros níveis e graus – emoção objetivada em frases como “estou só no mestrado”, “não tenho nada a falar” ou, em relação às possibilidades de enfrentamento, “vão destruir meu trabalho”.

Se é possível evocar o espaço da afetividade que se articula com a relação ética, encontrar o lugar ao qual se pertence pode ser uma das emoções mais positivas do âmbito acadêmico. As perguntas fundamentais desse encontro, se formuladas em termos simples, poderiam ser endereçadas no sentido de questionar “Quem fala comigo”? ou “Quem estuda os mesmos objetos (ou conceitos, ou autorias) que eu”? Encontrar essa comunidade não significa apenas participar de um espaço de interlocução, mas também encontrar a validação necessária para temas e objetos que podem, por conta de circunstâncias históricas e sociais, serem francamente marginalizados – é Bourdieu (1998), novamente, quem alerta para a necessidade de saber reconhecer o valor social dos objetos de pesquisa em relação ao prestígio que eles têm – e podem fornecer – no ambiente acadêmico.

A comunidade acadêmica pode se configurar como esse espaço de validação e legitimidade recíproca de um tema ou objeto, contribuindo para o aumento e eventual consolidação de seu capital científico e, portanto, de seu direito de fazer parte do mesmo circuito de pesquisas que outros mais prestigiados.

O indivíduo isolado, atomizado, é vulnerável em qualquer campo; a tomada de posições parece implicar uma base na força da comunidade – o “eu” que emerge do “nós”, como mencionado anteriormente, ponto de inflexão de uma ética da alteridade.

Participar de uma comunidade acadêmica significa, em termos gerais, encontrar pessoas que compartilham não apenas os mesmos interesses empíricos, mas também um repertório teórico e conceitual, parte de um discurso que se inscreve como história da qual se passa a fazer parte. Aprende-se, nessa comunidade, a não necessariamente concordar, mas que a discordância – em termos teóricos, metodológicos, práticos – pode ser cordial.

A relação entre ética e método parece se apresentar com especial força em situações nas quais as fronteiras entre quem pesquisa e seu vínculo com a situação pesquisada tendem a ser próximos. Shipman (1981, p. 35) mostra, em uma distância de aproximadamente quarenta anos, de que maneira as relações de proximidade e/ou distanciamento se apresentam como cruciais na pesquisa social.

Nas práticas de orientação, isso se coloca muitas vezes na forma de perguntas como “posso pesquisar meu local de trabalho”? ou “sou adepto de uma religião, posso pesquisar sobre ela?”. Essa é uma questão recorrente na prática de pesquisa, sobretudo por conta das nuances entre sujeito pesquisador e sujeito pesquisado (entre “sujeito e objeto”, como se assinalava em um vocabulário anterior).

As situações de conflito ou sobreposição de interesses, em termos institucionais, tendem a ser mais nuançadas do que se poderia imaginar à primeira vista. Do ponto de vista de uma ética da pesquisa, isso implica pensar o quanto esse tipo de problema tende a interferir no resultado, desde o acesso a determinadas informações até a disposição de quem pesquisa em pensar criticamente a respeito de algo que é de seu interesse – sem mencionar, evidentemente, os constrangimentos institucionais relativos aos procedimentos e resultados.

Há sempre o risco de a proximidade levar a uma visão exageradamente crítica em relação ao tema ou, em outros casos, às tentativas de suavizar uma abordagem para preservar uma situação. Nesse momento a força da interlocução, das orientações e do pertencimento a redes de pesquisa aparece de modo nítido: esse olhar de uma terceira pessoa pode trazer nuances dessa relação ética que estão interferindo na prática metodológica.

A objetivação de uma situação – não “objetividade”, em um sentido positivista – demanda, nesse tipo de caso, o acompanhamento atento de orientadores e orientadoras que, externos à pesquisa, podem ter uma perspectiva mais nítida da influência dos fatores de vínculo na construção de uma abordagem válida em termos acadêmicos. Vale finalizar com a recomendação de Nyjgaard (2015, p. 45):

Objetividade significa, em primeiro lugar, saber em que medida o pesquisador se baseia em critérios externos, fatos e evidências (incluindo argumentos teóricos) ao fazer uma escolha ou chegar a uma conclusão. Subjetividade está ligada ao quanto a pessoa se baseia apenas em sentimentos e ideias pessoais. Assim, objetividade não está relacionada ao fato de você fazer ou não um julgamento, mas, antes, no que você se baseou para julgar (tradução nossa).

6 Considerações finais

Neste texto, as relações entre ética e método foram trabalhadas a partir de um exame das condições de realização de uma pesquisa a partir de um olhar em escala micro, voltado para o cotidiano das práticas acadêmicas. Por “método” entendeu-se, mais do que um item ou um capítulo sobre técnicas e procedimentos, o conjunto de atividades relacionado a uma investigação, o próprio caminho percorrido, que demanda uma reflexão constante. Ao mesmo tempo, considerou-se “ética” como os

procedimentos de encontro com a alteridade. Pensar a relação entre ética e método se apresenta, portanto, como uma oportunidade de trabalhar os encontros com a alteridade presentes nos caminhos de uma pesquisa.

Foram exploradas três dimensões principais.

Inicialmente foram trabalhadas as condições institucionais de decisão metodológica, relacionadas também à situação de quem pesquisa. Destacou-se que escolhas metodológicas são recortadas por questões éticas relacionadas às possibilidades concretas de se abordar a prática de investigação. Em seguida, trabalhou-se a ideia de “alteridade” como algo presente nos textos, conceitos e teorias com os quais pesquisadoras e pesquisadores se defrontam no cotidiano para, finalmente, dirigir o foco para as possibilidades de se situar na relação com a alteridade na comunidade acadêmica.

Ao que tudo indica, não se toca nesse assunto com a frequência que os sintomas contemporâneos parecem solicitar – como lembram Illouz e Cabanas (2021), a alegria obrigatória parece ser a tônica de uma sociedade pautada no elogio da produção, sem espaço para a contemplação.

Mas, como ensina a psicanálise, o fato de não se falar de um assunto não faz com que ele desapareça. Ao contrário. Aquilo que se reprime de um lado tende a voltar como sintoma, de outro. E, nesse particular, questões de saúde mental, em várias dimensões, parecem estar atingindo de maneira crescente a classe universitária.

Falar sobre isso implica rever os procedimentos éticos que nós temos conosco, que nós temos com a pesquisa, que nós temos com cada um de nós. Quando não se fala do aspecto ético da alteridade, nós esquecemos que a ciência é feita por seres humanos. Trabalha-se, muitas vezes, na velocidade das demandas, no preenchimento de projetos, na atualização de currículos, na esteira do “publish or perish” (“publique ou desapareça”) e deixa-se de lado o humano vinculado a isso.

Daí a necessidade de pensar ética e métodos como elementos transversais de qualquer prática de pesquisa, na medida em que ressaltam o agenciamento de pessoas em suas relações e intersecções. Quando isso acontece, a teoria se torna estéril, o método vira um item de projeto e a própria pesquisa deixa de ser instigante; a alteridade se desvanece, deixando de lado o humano – talvez o ponto central das motivações e práticas de pesquisa.

Referências

- AMORIM, M. **O pesquisador e seu outro**. Rio de Janeiro: Musa, 2001.
- BACHELARD, G. **A formação do espírito científico**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006.
- BONIN, J. A. A dimensão metodológica da orientação de pesquisas em comunicação. *In*: MALDONADO, Alberto Efendy *et al.* **Epistemologia, investigação e formação científica em Comunicação**. Natal: Ed. UFRN, 2012. p. 43-57.
- BONIN, J. A.; ROSÁRIO, N. M. (org.). **Processualidades metodológicas**. Florianópolis: Insular, 2013.
- BONIN, J.; SAGGIN, L. **Investigação crítica em comunicação: construções epistêmicas, teóricas e metodológicas**. São Paulo: Pimenta Cultural, 2022.
- BOURDIEU, P. Le champ scientifique. **Actes de la recherche en sciences sociales**. Paris, v. 2, n. 2-3, p. 88-104, jun. 1976.
- BOURDIEU, P. Método científico e hierarquia social dos objetos. *In*: NOGUEIRA, M. A.; CATANI, A. (org.). **Escritos de educação**. Petrópolis: Vozes, 1998. p. 33-38.
- BOURDIEU, P. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.
- BOURDIEU, P. **Sociologia geral**. Petrópolis: Vozes, 2021. v. 1.
- CAMPBELL, Timothy. **Ethics and experience**. Londres: Acumen, 2014.
- CORAZZA, S. M. Labirintos da pesquisa, diante dos ferrolhos. *In*: COSTA, M. V. **Caminhos investigativos**. Porto Alegre: Mediação, 1996. p. 38-47.
- CRESSWELL, Julia. **Dictionary of word origins**. Oxford: Oxford University Press, 2009.
- DELEUZE, G. **Conversações**. São Paulo: Ed. 34, 2006.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **O que é a filosofia**. São Paulo: Ed. 34, 2004.
- FAVRET-SAADA, J. Ser afetado. **Cadernos de Campo**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 1, p. 155-161, 2005. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/view/50263/54376>. Acesso em: 29 out. 2024.
- FREITAS, M. E. **Viva a tese: um guia de sobrevivência**. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2001.

- HAN, B-C. **Capitalismo e impulso de morte**. Petrópolis: Vozes, 2021.
- HOOKS, B. **Ensinando a transgredir**. São Paulo: Martins Fontes, 2018.
- HOOKS, B. **Ensinando comunidade**. São Paulo: Elefante, 2022.
- ILLOUZ, E.; CABANAS, O. **Happycracia**. São Paulo: Ubu, 2021.
- KROKOSZ, M. **Autoria e plágio**. São Paulo: Atlas, 2012.
- KROKOSZ, M. **Outras palavras sobre autoria e plágio**. São Paulo: Atlas, 2015.
- LEVINAS, E. **Ethique comme philosophie première**. Paris: Rivages, 1998.
- LOPES, M. I. V. **Pesquisa em comunicação**. São Paulo: Loyola, 1997.
- MALDONADO, A. E. *et al.* (org.). **Epistemologia, investigação e formação científica em comunicação**. Natal: Ed. UFRN, 2012.
- MALDONADO, A. E. *et al.* (org.). **Metodologias de pesquisa em comunicação**. Porto Alegre: Sulina, 2006.
- MALDONADO, A. E. *et al.* (org.) **Processualidades metodológicas**. Natal: Ed. UFRN, 2008.
- MALESIC, J. **O fim do burnout**. Petrópolis: Vozes, 2023.
- MARTINELLI, M. L. O uso de abordagens qualitativas em serviço social. *In*: MARTINELLI, M. L. (org.) **Pesquisa qualitativa: um instigante desafio**. São Paulo: Veras, 1999. p. 26-35.
- MARQUES, A. C. S.; MARTINO, L. M. S. A comunicação e o enigma da alteridade: responsabilidade ética, justiça e hospitalidade. **Paulus: Revista de Comunicação da FAPCOM**, São Paulo, v. 5, p. 45-59, 2021. Disponível em: <https://revista.fapcom.edu.br/index.php/revista-paulus/article/view/427>. Acesso em: 30 out. 2024.
- MARTINO, L. M. S. Da teoria à metodologia: um ensaio sobre a elaboração de Projetos de Pesquisa em Comunicação. **Revista Comunicação Midiática**, Bauru, v. 11, 2016, p. 1-15. Disponível em: <https://www2.faac.unesp.br/comunicacaomidiatica/index.php/CM/article/view/88>. Acesso em: 29 out. 2024.

- MARTINO, L. M. S. Esboço de um panorama das teorias da comunicação: uma aula inaugural. **Libero**, São Paulo, v. 21, n.1, p. 4-17, 2018. Disponível em: <https://seer.casperlibero.edu.br/index.php/libero/article/view/998>. Acesso em: 29 out. 2024.
- MARTINO, L. M. S. **Sem tempo para nada**. Petrópolis: Vozes, 2022.
- MARTINO, L. M. S.; MARQUES, A. C. S. A afetividade do conhecimento na epistemologia: a subjetividade das escolhas na pesquisa em Comunicação. **Matrizes**, São Paulo, v. 12, n. 2, p. 217-234, 2018. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/140592>. Acesso em: 29 out. 2024.
- MARTINO, L. M. S.; MARQUES, A. C. S. Modalidades e derivações da comunicação no mundo da vida: sentidos, experiência e interação. **Galáxia**, São Paulo, v. 31, p. 105-116, jan./abr. 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/gal/a/xknS4r8XwFtgfzQsKV7tQCh/>. Acesso em: 29 out. 2024.
- MATTOS, M. A. *et al.* (org.) **Metapesquisa em comunicação**. Porto Alegre: Sulina, 2018.
- MAZZILLI, S. **Orientação de teses e dissertações**. Araraquara: JM Editores, 2009.
- MEIRA, A. C. S. **A escrita científica no divã**. Porto Alegre: Sulina, 2016.
- NEGRÃO, S. M. V. A construção da tese: caminhos traçados e sentimentalmente seguidos. *In*: MACIEL, L. S. M.; VIEIRA, R. A.; SOUZA, F. C. L. (org.). **Pesquisa em educação: diferentes abordagens teórico-metodológicas**. Maringá: Ed. UEM, 2014. p. 49-68.
- NKUANSAMBU, N. **Meu pequeno orientador científico**. São Paulo/Luanda: TM Editora, 2015.
- NYJGAARD, L. **Writing for Scholars**. Londres: Sage, 2015.
- OLIVEIRA, L. A. **Ética em investigação científica**. Lisboa: Lidel, 2013.
- PAUGAM, S. **La pratique de la sociologie**. Paris: PUF, 2008.
- SEVERINO, A. J. Ética e pesquisa: autonomia e heteronomia na prática científica. **Cadernos de Pesquisa**, Rio de Janeiro, v. 45, n. 158, p. 776 – 792, out./dez. 2015. Disponível em: <https://publicacoes.fcc.org.br/cp/article/view/3355>. Acesso em: 12 jul. 2024.
- SHIPMAN, M. **The limitations of social research**. Londres: Longman, 1981.

THÉBAUD-MONY, A. Recherche engagé et rigueur méthodologique. *In*: HUNSMANN, Moritz; KAPP, Sébastien (org.). **Devenir chercheur**. Paris: Ed. EHESS, 2013. p. 315-331.

WACQUANT, L. **Corpo e alma**: notas etnográficas de um aprendiz de boxe. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

WOTTRICH, L.; ROSÁRIO, N. (org.) **Experiências metodológicas na comunicação**. São Paulo: Pimenta Cultural, 2022.

ZIELINSKY, A. **Lévinas**: la responsabilité est sans pourquoi. Paris: PUF, 2014.